

0071 - Luciano Deppa Bancheti

I SIMPÓSIO DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL:

Futebol, sociedade e cultura: pesquisas e perspectivas

10 a 14 de maio de 2010

Departamento de História – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP

Departamento de Antropologia – Faculdades de Ciências Sociais – PUC/SP

Museu do Futebol

De “vira-latas” ao “não há quem possa!”: seleção brasileira e identidades (1950-1958)

Luciano Deppa Banchetti¹

Introdução

O futebol trouxe consigo elementos que possibilitaram ao longo dos anos a construção de narrativas que na maioria das vezes produziram um discurso homogeneizador da sociedade brasileira. Idéias de uma identidade unitária foram e ainda são difundidas não apenas de maneira ampla por cronistas e mídia em geral que se dedicam ao futebol, mas até por diversas áreas da própria academia – meio que nos últimos anos cada vez mais se debruça sobre o tema para benefício de todos, já que promove o constante debate que, como sabemos, é fundamental.

Sendo assim, um dos objetivos principais deste trabalho é problematizar essas *construções*, voltando-nos para questões que procuram perceber a que grupos e interesses tal modelo de sociedade atendia e, por que não dizer, ainda por ventura atende.

Ao buscarmos compreender como se dá tal processo, tomamos por base a Seleção Brasileira de futebol dentro de um determinado recorte temporal. Vale ressaltar, já que levamos em conta que esse discurso procura adjetivar e homogeneizar não apenas o futebol brasileiro como um todo, mas o próprio ideal de identidade, que esse modelo

¹ Aluno do Programa de Estudos Pós-Graduados em História, nível Mestrado, área História Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Orientado pela professora: Estefânia Knotz C Fraga. Bolsista do CNPq. E-mail: deppa04@gmail.com.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

destinado a toda sociedade brasileira de acordo com o desejo de alguns grupos sofre, evidentemente, variações no processo histórico. Justamente por isso nos voltamos para um momento que julgamos emblemático: o período que compreende as três Copas do Mundo FIFA da década que dividiu o século XX; ou seja, o Mundial realizado no Brasil em 1950, o da Suíça em 1954 e o disputado na Suécia no ano de 1958. Ao mesmo tempo, anos que se inserem numa época em que o país passava por uma conjuntura política, econômica e social que trazia agudos debates e produziu grandes transformações. (FERREIRA, 2005: 14)

Portanto, nossa pesquisa tem como intenção produzir uma reflexão sobre o futebol e a seleção brasileira, principalmente em relação às imagens totalizadoras que se formulam a partir desses dois elementos, acreditando que na análise das *experiências*² dos sujeitos, através do estudo e cruzamento das fontes (depoimentos, jornais, revistas, biografias), seja possível contribuir, por sua vez, para a emergência de outras identidades “esquecidas” pelas narrativas que se estabelecem de maneira unitária.

Futebol, Seleção Brasileira e identidadeS

Evidencia-se o futebol como um fenômeno social que se hiperdimensiona. Sua repercussão como grande evento, um esporte-espetáculo (BRACHT, 1997: 105; TUBINO, 2001: 55), mostra que se criou uma demanda que ultrapassa os limites de alguns dos elementos que nos soaram, num passado não muito distante, como os mais familiares do meio: clubes, jogadores e torcidas.

Essa trajetória do futebol no Brasil vem proporcionando o envolvimento das mais diversas áreas do conhecimento e de pessoas interessadas não só em desenvolver a prática do esporte em si, mas, claro, em fazer parte de um universo privilegiado, principalmente do ponto de vista econômico. Observa-se uma grande variedade de profissionais que cada vez mais se incorporam, ou buscam se incorporar, ao mundo da

² Aqui nos remetemos à categoria “experiência” no mesmo sentido em que Thompson propõe ao advertir sobre a necessidade dessa presença que permite ao pesquisador perceber seus personagens “(...) não como sujeitos autônomos, ‘indivíduos livres’, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos (...)” (THOMPSON, 1981: 182). Uma categoria de análise que se constitui e é constituída nas relações cotidianas, ou seja, “(...) a noção de experiência social como um conceito articulador, que não divorcia a vida material da cultura e da consciência.” (MACIEL, 2006: 10)

0071 - Luciano Deppa Bancheti

bola: além da imprensa, advogados, médicos de diversas especialidades, psicólogos, administradores e tantos outros profissionais autônomos ou representantes de diversas empresas.

Diante disso, não podemos negar que os pesquisadores das ciências humanas têm um campo aberto para se debruçarem e trazerem sua importante contribuição. Em nosso caso, especificamente, optamos por voltar nossa atenção para esse universo realizando uma reflexão sobre a Seleção Brasileira e o futebol através de uma perspectiva historiográfica. Em outras palavras, em um determinado contexto, a tentativa é elaborar uma análise de alguns dos fatores que se contrapõem às imagens que se construíram a respeito do que seria a característica própria de toda a nação brasileira, a partir de seu futebol e do seu selecionado.

Buscando contextualizar melhor nosso tema de estudo, lembramos do quanto no Brasil os intelectuais, desde muito cedo, se envolveram no debate a respeito do futebol. Discussões a respeito da relação entre a prática esportiva e sua contribuição ou não para uma educação civilizadora da população brasileira era questão relevante para muitos estudiosos. Os pontos de vistas eram variados e através de reportagens e crônicas, desde o início do século XX, expressavam-se nomes como Lima Barreto que era contrário a difusão da modalidade no Brasil (FRANZINI, 2003:34); Monteiro Lobato, um dos favoráveis ao desenvolvimento do futebol entre os brasileiros (BERTOLLI FILHO & MEIHY, 1982: 105); e Gilberto Freyre que no final dos anos 1930 inseria a sua teoria para a sociedade brasileira no futebol, caracterizando-o, resumidamente, com uma das instituições ativas no país que tornava possível a existência de uma “democracia racial”. (FRANZINI, 2003: 11). Opinião, esta última, que muito contribuiu para fazer prevalecer entre a maioria da intelectualidade que se debruçava sobre o assunto a importância do esporte Brasil.

E essa repercussão não se dava apenas entre os intelectuais. Entre a imprensa também. É a partir das concepções freyreanas que surge um dos clássicos a respeito do futebol no Brasil e que, não por acaso, é um dos marcos iniciais do nosso trabalho. Estamos nos referindo a Mário Rodrigues Filho³ e ao seu *O negro no futebol brasileiro*. Obra publicada no Rio de Janeiro, em 1947, pouco antes da Copa do Mundo realizada

³ Jornalista nascido no Recife. Teve toda carreira profissional radicada no Rio de Janeiro e foi fundador do pioneiro Jornal dos Sports em 1931.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

no Brasil, e prefaciada por Gilberto Freyre. Em 1964 foi reeditada e, segundo palavras do próprio autor, daquela vez de forma “definitiva”.

Como já foi indicado por diversos estudos, o clássico de Mário Filho foi influenciador de toda uma linhagem da crônica e de estudiosos do esporte no Brasil. Sua proposta foi a de construir uma narrativa que seria a história do futebol brasileiro desde seus primórdios. Por outro lado, lembramos que, em São Paulo, no ano de 1949, “A história do Futebol Brasileiro”, de Tomás Mazzoni⁴ também é lançado. Como o próprio título já demonstra, tanto a primeira como a segunda obra as quais acabamos de nos reportar, procuravam trazer um estudo que tinha a proposta de narrar toda a trajetória do futebol no país, desde o seu surgimento até o auge que, por sua vez, estava prestes a ser atingido, ou seja, sediar e, porque não, conquistar a Copa do Mundo de 1950.

Os dois clássicos da literatura do futebol dos quais partimos no desenvolvimento de nossa pesquisa anunciavam realizar, portanto, uma análise do “futebol brasileiro e sua história”. Porém, divergiam por se tratarem de narrativas construídas por autores que procuraram refletir sobre o surgimento e o desenvolvimento do futebol na cidade do Rio de Janeiro, no caso de Mário Filho, e na cidade de São Paulo, no caso de Tomás Mazzoni. É evidente que a proposta abrangente de ambos não poderia ser cumprida, como reconhecem eles mesmos em suas notas iniciais. Mas, o interessante é destacarmos o teor das análises que, em síntese, privilegiaram determinados grupos que, naquele momento, já tinham estabelecido e lutavam por manter seu poder no meio futebolístico de suas respectivas regiões e que estavam em conflito pela busca de se firmarem como força hegemônica no âmbito nacional.

Esses autores, num momento para nós decisivo, estão colocando em evidência duas questões importantes que estão intimamente ligadas: o embate agudo entre grupos cariocas e paulistas pelo controle do futebol oficial no país, através de uma narrativa histórica abrangente, que se deseja nacional. Nossa intenção maior, neste sentido, está em manter o debate ao qual entendemos como importante ainda, já que muitos discursos a respeito de *um* Brasil e *um* jeito de jogar e se envolver com o futebol que seria próprio de *todos* que habitam o país prevalecem ainda nos escritos e nas falas de vários

⁴ Também um pioneiro da crônica esportiva especializada em futebol. Trabalhava, desde 1930, como chefe da seção de esportes do jornal A Gazeta e também exercia importante função em A Gazeta Esportiva.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

profissionais ligados a esse meio. Um universo em que, por outro lado, uma grande parcela da população acompanha e vivencia intensamente em seu cotidiano, mas de maneiras diferentes, diante da grande diversidade dos inúmeros grupos sociais e culturais que compõem a sociedade brasileira.

Dessa forma, já que o futebol acaba sendo utilizado como um instrumento a mais do discurso unitário do nacionalismo, procuramos, modestamente, entendê-lo como algo possível de localizarmos outro fator que não o nacional. Tentamos, assim, uma reflexão sobre mais essa instituição da sociedade contemporânea, no sentido de entendê-la tal qual possa ser “re-escrita a nação”, ou seja, como “(...) mais híbrida na articulação de diferenças e identificações culturais do que pode ser representado em qualquer estruturação hierárquica ou binária do antagonismo social.” (BHABHA, 2001:119).

Assim, desejamos em nosso trabalho refletir sobre o movimento contínuo de tomadas de posições ambíguas por seus participantes que fogem às imposições dos grupos que dominam as entidades que organizam o futebol, que comandam os clubes, as delegações, os departamentos e que, por sua vez, também estão em constantes negociações e conflitos nas relações que se dão cotidianamente.

Nesse sentido, as vivências dos indivíduos no meio futebolístico passam a ser nosso foco. Isso significa não procurar estabelecer as representações de coletivismos para, conseqüentemente, tentar superar uma narrativa fixa às hierarquias e, principalmente, aos antagonismos que fazem parte sem dúvida de um repertório do futebol que busca sobremaneira classificações, como, por exemplo: Futebol-Arte em oposição à Futebol-Força e do mesmo modo Futebol-Científico à Futebol-Intuitivo, entre outros. Entendendo que são dessas oposições constantemente afirmadas que outras acabam sendo construídas, muitas vezes para justificar derrotas, maculando ou positivando imagens de equipes e atletas diante de suas exibições.

Vale lembrar, nesse sentido as próprias construções que se fizeram das seleções que nos dão o recorte temporal de nosso estudo.

Em 1950, a Seleção Brasileira torna-se vice-campeã. Uma equipe composta por nomes consagrados do futebol - Zizinho, Ademir, Bauer, Barbosa, entre outros – e reconhecidos por muitos como os grandes favoritos para a vitória, já que além do

0071 - Luciano Deppa Bancheti

potencial técnico, os resultados anteriores tinham sido plenamente favoráveis e a disputa era realizada no próprio território brasileiro. Porém, veio a derrota na final contra a Seleção Uruguaia, no recém-construído estádio do Maracanã. Junto a esse “fracasso” – a obtenção do segundo lugar na competição, como já dissemos - passa a ser elaborado um discurso onde se prevalece a idéia de uma “tragédia” vivida naquele dia. Não uma frustração vivenciada no estádio, não uma dor momentânea de jogadores e torcedores de futebol. Mas uma tragédia de abalo geral, de *toda* a nação. Estes formaram os ingredientes que fizeram e ainda fazem muitos a repetir constantemente em suas narrativas esse dia 16 de julho de 1950 como o dia da “tragédia do Maracanã”. (FRANZINI, 2000; AQUINO: 2002; GUTERMAN: 2009).

A derrota amplia-se, hiperdimensiona-se, ao ponto de extrapolar aos aficionados que torciam pela vitória da Seleção Brasileira. A tragédia passava a ser nacional e expunha características que se tornavam, cada vez mais, estigmas colocados em muitos daqueles jogadores que participaram da decisão. E, nessa lógica, nessa visão que se pretende homogeneizadora, a estigmatização não ficava restrita somente a eles. Era algo que podia ser mencionado como *comum a todos*. Brasileiros caracterizados por adjetivos que remetem à idéia de covardia, fruto de uma melancolia própria de um ser incompleto, por isso não resistente à pressões. Vale, nesse sentido, trazer as palavras de José Lins do Rego:

“Vi um povo de cabeça baixa, de lágrimas nos olhos, sem fala, abandonar o Estádio Municipal como se voltasse do enterro de um pai muito amado. Vi um povo derrotado, e mais que derrotado, sem esperança. (...) E, de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias. A vil tristeza de Camões, a vil tristeza dos que nada têm que esperar, seria assim o alimento podre dos nossos corações.” (Jornal dos Sports, 18/07/1950)⁵

⁵ REGO, José Lins do. Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: José Olimpio, 2002. p. 125.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

Dessa forma, em sua coluna diária – “Esporte e vida” - dois dias após o “16 de julho”, o literato, além de dirigente e cronista esportivo, já trazia as características construídas metaforicamente não só a todos, ou praticamente a todos que compunham aquela equipe, mas também a todos os brasileiros.

Em contrapartida, no ano de 1958, a Seleção do Brasil sagra-se campeã mundial de futebol pela primeira vez na Suécia. O discurso universalizador continua, porém mudam-se os adjetivos. Nesse momento, a idéia a ser estabelecida remeteria a *todos* – jogadores, torcedores, em fim, brasileiros – a um estágio superior em relação ao momento anterior. Imediatamente à conquista escreve Nelson Rodrigues, irmão de Mário Filho, sobre como a recepção aos mais que atletas, aos heróis-modelo, seria uma espécie de obrigação de todos que se dissessem brasileiros:

“Convenhamos que este *scratch* as merece. Merece por tudo: não só pelo futebol, que foi o mais belo que os olhos mortais já contemplaram, como também pelo seu maravilhoso índice disciplinar. Até este campeonato, o brasileiro julgava-se um cafajeste nato e hereditário. Olhava o inglês e tinha-lhe inveja (...). Então, se verificou o seguinte: o inglês tal como o concebíamos não existe. O único inglês que apareceu, no Mundial, foi o brasileiro. (...) É uma alegria sermos brasileiros, amigos!”⁶ (Última Hora, 02/07/1958)

Apesar das características otimistas muito apropriadas para o momento, Nelson Rodrigues, na crônica sob o sugestivo título “A alegria de ser brasileiro”, dá a entender que as pessoas do Brasil se subjugavam perante o outro, ao europeu, no caso, mais especificamente, ao Inglês. O eurocêntrico que seria o modelo idealizado por muitos, era algo a ser buscado pelo brasileiro, se não, vencido. A vitória na Europa era, para o escritor, uma espécie de redenção de todos. Redenção conquistada por míticos heróis que deveriam ser reverenciados – já que apresentaram não só o futebol “(...) mais belo que os olhos mortais já contemplaram, como também pelo seu maravilhoso índice disciplinar”. E que fez com que se percebesse que “(...) o inglês tal como o concebíamos não existe”.

⁶ Vários. Arquivo em imagens: série Última Hora – futebol, 1998(?). p. 62.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

Por outro lado, gostaríamos agora de confrontar essas construções. Para isso trazemos um excerto do depoimento de história de vida colhido de um profissional de vasta experiência no futebol, que atuou desde a década de 1920, ex-jogador e ex-técnico de diversos clubes reconhecidos no futebol do Brasil, além de ter comandado a Seleção Brasileira que disputou o campeonato mundial da Suíça em 1954, Alfredo Moreira Júnior:

“(...) eu passei o ano de 49 sem trabalhar. Eu fiquei vendo o campeonato de 50, o campeonato do mundo de 50, eu fiquei sem trabalhar, fiquei vendo o campeonato mundial. (...) Aí começou um fato interessantíssimo porque eu fui treinador da Seleção Brasileira, eu entrei em 52, porque 50 nós tínhamos perdido aqui a Copa do Mundo pros uruguaiois. Sabe, o brasileiro (risos), o brasileiro é um apaixonado, o brasileiro é até, eu às vezes fico pensando, fica até ridículo, porque nós somos mascarados que somos os maiores do mundo, não é? E futebol não tem esse negócio de maior do mundo, porque maior do mundo é aquele que não perde, né? Então nós não temos o direito de achar que nós somos os maiores do mundo, nós podemos ser igual aos maiores do mundo, mas melhor do que outros ninguém pode dizer, que em futebol não há isso, não há times invencíveis.”⁷

Emblemática a nosso ver a fala de Zezé Moreira. Fica evidenciado, em sua experiência não só profissional, mas também como apreciador do futebol (já que faz questão de frisar que “apenas” viu a Copa de 1950, ficando sem trabalhar) uma crítica a um ponto de vista que repetidamente prevalece em muitas das análises que se faz a respeito do jogo de futebol praticado pelos brasileiros. Na grande maioria das vezes, tem-se como idéia central que o futebol que se joga no Brasil e pelas pessoas que nele nascem é o melhor do mundo, quando, na lógica desportiva, principalmente nesse esporte de tantas variações, essa superioridade não deveria obrigatoriamente existir – daí, talvez, as necessidades de explicações simplistas e internas, a busca dos erros para

⁷ Depoimento colhido em 30 de Novembro e 12 de Dezembro de 1993 - Acervo Instituto Museu da Pessoa.net - www.museudapessoa.net

0071 - Luciano Deppa Bancheti

os momentos de derrotas, já que o motivo jamais pode estar relacionado à eficiência do outro.

Para Zezé Moreira tal idéia de superioridade é profundamente equivocada. Chega a beirar o “ridículo”, torna-se uma “máscara”, no limite, podemos compreender, segundo suas palavras, que tal discurso trata-se de uma invenção.

Lembramos que dado aos limites do texto não nos alongaremos nesta análise. Entendemos perfeitamente que precisamos contextualizar com mais abrangência para procurar compreender melhor as elaborações tanto dos literatos como as da memória de Zezé Moreira. Porém, acreditamos no quanto são significativos tais construções para nos fazermos entender diante da problemática que aqui foi proposta. E, antes de encerrarmos, gostaríamos de nos deter um pouco mais nas memórias aqui trazidas, refletir um pouco mais sobre as palavras de nosso depoente.

Contextualizando o momento em que era técnico da Seleção Brasileira, como se não bastasse as obrigações do próprio cargo que ocupava, muitas pressões Zezé deveria sofrer. Ele assume a função, vale lembrar, no momento seguinte à final tida como trágica; ou seja, o ex-profissional do futebol que nos ajuda a compor este trabalho, era o técnico que substituíu o *derrotado* Flávio Costa, que até o momento daquela final era um aclamado treinador de grandes times cariocas. Evidentemente, como o comandante principal da equipe de 1954, Zezé sofria pressões fortíssimas, que, certamente, o impulsionaram a anos depois narrar suas memórias num tom irônico, como vimos. Analisa, diante de se suas experiências, diante de suas alegrias e frustrações, diante do aprendizado que adquiriu nos anos de vida, o que para sua memória, como resultado momentâneo, soa como soberba. Uma visão, segundo ele, presente entre os brasileiros ao se julgarem os melhores no futebol. E, para nós, se ele tem ou não razão, pouco importa. A relevância está nessa construção que contradiz o discurso hegemônico e homogeneizador.

Considerações Finais

O futebol, de acordo com o que estamos observando em nossas pesquisas, passava por um processo de transição, entre outros fatores, fruto de um embate entre

0071 - Luciano Deppa Bancheti

Rio de Janeiro e São Paulo pelo domínio do poder político-administrativo do esporte. Pode-se entender, e é o que pretendemos observar melhor durante o desenvolvimento do estudo, que o futebol e sua representação por parte de alguns grupos, posicionou-se entre um eixo ideológico governamental que priorizava difundir a “mestiçagem” como o ideal de brasilidade e um viés que buscava atender aos anseios criados pelo desenvolvimento do mercado. Nesse sentido, a Seleção Brasileira e o futebol no Brasil, já na metade do século XX, passarão também a difundir dados identitários que se localizarão entre as questões raciais e as questões estéticas e disciplinadoras que, por sua vez, dialogam com o consumismo que está em franco desenvolvimento nesse período.

Nosso desejo maior, no entanto, é o de destacar o valor da voz que sai de um indivíduo em desacordo com a unicidade pretendida por determinados interesses. Experiências de vida que se contrapõem aos discursos homogeneizadores. Significativo o exemplo de Zezé Moreira. Nitidamente, percebe-se que ele também traz em sua fala uma idéia de coletivismo, próprio do nacionalismo, mas o valor está na oposição que ele mesmo faz a esse discurso. O ex-técnico da Seleção Brasileira e o apreciador do futebol, em sua individualidade, não aceita o discurso comum.

Trata-se de uma fala que vem de dentro do universo do futebol, não de analistas, e que pouca oportunidade teve para expressar-se. Contudo, acreditamos que sua importância vai além dessa experiência profissional. Relevante, para nós, é perceber o quanto um indivíduo que, apesar de utilizar o “nós brasileiros”, promove, em outro sentido, o questionamento de uma verdade estabelecida, ou seja, a do brasileiro como melhor do mundo. Uma verdade “de todos” ou difundida “para todos”, que ele não compactua.

Essa é busca desta pesquisa. Desde o primeiro momento em que nos deparamos com os depoimentos de jogadores de futebol e alguns outros profissionais do meio através de um trabalho que desenvolvemos junto ao Museu da Pessoa,⁸ houve o despertar para outras possibilidades de se refletir sobre o universo futebolístico no qual, devido nossos sentimentos mais pessoais, estamos, desde a infância, mergulhados. Notamos que outras histórias diferentes da oficial, diferentes das incontáveis repetições

⁸ Trabalho que compunha o projeto intitulado “Histórias das Copas”, uma parceria entre o Museu da Pessoa e o site Cidade do Futebol que resultou no calendário 2006: “Histórias das Copas”.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

que nos deparamos durante a vida e que, sem dúvida nos seduziram, poderiam ser estudadas.

Não apenas poderiam, mas mereciam. É dever do pesquisador tentar trazer essas vozes outrora silenciadas. Já que esquecimentos fazem parte de uma característica própria da sociedade em que vivemos, nos mais variados segmentos, não apenas no futebol. Imagens, narrativas, construções arbitrárias e unificadoras da história são dispositivos usuais para se manter as diferenças, para conter as contradições. Trazer essas vozes dissonantes passa a ser nossa motivação que procura se renovar a cada momento. Como por exemplo, ao acompanharmos uma das palestras da série “Brasil nas Copas”, promovido pelo Museu do Futebol, intitulada “Complexo de vira-latas (1950/1954)”.⁹

Pouco antes de finalizar sua fala, o jornalista Geneton Moraes Neto que nos colocou diante de diversas questões da Copa de 1950, fez questão de se remeter às heranças, aos resquícios negativos na vida daqueles jogadores que participaram da decisão e que anos depois ele teve oportunidade de entrevistar. O palestrante ressaltou a necessidade de se questionar a dimensão que se deu para 1950, assim como as desqualificações que sofreram os jogadores; literalmente lembrou que é preciso que se realize uma “revisão histórica” – segundo suas próprias palavras - do “16 de julho”. Pois, para ele, há a necessidade de se atentar para o que, timidamente sugerimos, ou seja, levarmos em conta o quanto foi valoroso aqueles jogadores conquistarem o primeiro vice-campeonato mundial da Seleção Brasileira.

⁹ Palestra realizada em 06 de Março de 2010.

Bibliografia

AQUINO, Rubim Santos Leão de. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BERTOLLI FILHO, C. & MEIHY, José C. S. B. Monteiro Lobato e o futebol: um projeto para a elite urbana no começo do século. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom; WITTER, José Sebastião (org.) Futebol e cultura: coletânea de estudos. São Paulo: Imprensa Oficial: Arquivo do Estado, 1982.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BRACHT, Valter. Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e desportos, 1997.

FERREIRA, Jorge. O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular (1945-64). Rio de Janeiro: Civilizações, 2005.

FRANZINI, Fábio. As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919 – 1950). Dissertação de mestrado apresentado ao departamento de História da FFLCH – USP, 2000.

_____. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

MACIEL, Laura Antunes; AMEIDA, Paulo R.; KOURY, Yara A. e outros (orgs.). Outras histórias: memórias e linguagens. São Paulo: Olho d'Água, 2006.

MAZZONI, Tomas. Problemas e aspectos do nosso futebol. São Paulo: A Gazeta, 1949.

REGO, José Lins do. Flamengo é puro amor: 111 crônicas escolhidas. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2002.

RODRIGUES Fº, Mário. O negro no futebol brasileiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

0071 - Luciano Deppa Bancheti

THOMPSON, E. P. O termo ausente: experiência. *In*: _____. A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

TUBINO, Manoel José Gomes. Dimensões sociais do esporte. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

Vários. Arquivo em imagens: série Última Hora – futebol, 1998(?).